

**“À ESPERA DO ZÉ-MARIA”: IMAGENS DE MULHERES PÚBLICAS
NO “RIO-PARIS BARATO”**

Celi Silva Gomes de Freitas – PPG-UERJ
celisilva@hotmail.com.br

“...existem muitos meios, diretos ou não, de ser uma mulher pública (...) Ser reconhecida como tal revela-se mais difícil e sempre suspeito.”
Michelle Perrot¹

Os deslocamentos entre os limites do público e do privado, bem como as relações de gênero que se estabelecem entre o masculino e o feminino estão pressupostos neste trabalho. Entretanto, os estudos históricos sobre as mulheres têm revelado as singularidades das lutas, das tensões, dos conflitos e das resistências que constituem o seu/nosso feminino-plural.

A comunicação “À espera do Zé-Maria”: imagens de mulheres públicas no “Rio-Paris barato”, que apresentamos no simpósio temático “Gênero, Profissionalização e Maternidade”, situa-se nos campos da História e da Linguagem, interdisciplinarmente ligados por conceitos da história política, da história social, da história cultural e da análise do discurso. Nosso olhar de pesquisadora interessa-se pelas trajetórias² de mulheres públicas das classes populares na cidade do Rio de Janeiro das primeiras décadas do século passado, por vê-las como exemplos de mulheres “que circulam mais livremente, encontram-se na rua, no mercado e na lavanderia”³, ou ainda nos quiosques, nos trens, nos bondes e, como referência, nas páginas dos “quotidianos”⁴ da cidade-capital da República recém-instalada no Brasil.

As imagens que representam as trajetórias dessas mulheres públicas de classes populares adquirem visibilidade através das “formações discursivas”⁵ próprias dos “relatos cotidianos”⁶ de João do Rio e de Lima Barreto, publicados originalmente nos periódicos cariocas durante as primeiras décadas do século passado. Das condições de produção dos escritos, ressaltamos duas práticas, “a arte de flanar”, de João do Rio, e “a mania ambulatória”, de Lima Barreto:

Flanar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flanar é ir

por aí, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da população, (...)”⁷

Ontem, domingo, o calor e a mania ambulatória não me permitiram ficar em casa. Saí e vim aos lugares em que um “homem das multidões” pode andar aos domingos.⁸

Em nossa investigação sobre a história das mulheres, ao tomarmos como fontes os discursos desses dois “homens de letras”, estamos cientes dos limites e das possibilidades dessa escolha. Parece-nos que, nesse momento, o medo da ordem e da desordem do discurso não mais assusta, e a pesquisa histórica já não sofre mais de logofobia⁹. Ao contrário, há o entendimento da dimensão social, histórica e cultural do discurso¹⁰, e da língua como arena de muitas lutas, pois “enquanto houver hierarquia, dominação, exploração, haverá práticas de resistência que deixam traços na língua”¹¹.

As duas expressões do título – “À espera do Zé-Maria” e “Rio-Paris barato” são encontradas em artigos e crônicas de João do Rio (1881-1921) e de Lima Barreto (1881-1922), respectivamente, e merecem uma breve análise, para contextualizá-las historicamente e, sobretudo, para destacar algumas mudanças e permanências que, na Capital Federal, (re)produziram um espaço conhecido como *Belle Epoque Tropical*.

Em “O Rio de Janeiro do meu tempo”, Luiz Edmundo apresenta um outro “Zé”, o “Zé Pereira” como “um préstito de fragoroso alarido. Batecum. Estrondear de pelicas. Berraria caótica e hiperacústica de sons loucos, de brados loucos, de barulheira louca”¹² que surgiu no Carnaval de 1852. Ainda de acordo com Luiz Edmundo, o “Zé Pereira” foi trazido “às plagas da América” por um “certo José de Azevedo Paredes, (...) um rapaz filho do Porto, simpático e brincalhão, com loja de sapateiro, ali à rua de São José”¹³. Da atividade profissional do sapateiro Paredes de “bater solas” surgiu “a idéia de zabumbar”, a qual resultou no “lusitano Zé Pereira”, a partir de então identificado como uma manifestação carnavalesca de plebe e de rua que sobreviveu pelo começo do século XX e “só depois de 1904, com a remodelação da cidade (...) começa a esmorecer, (...) acabando por volta de 1906, 7 ou 8”¹⁴.

Enquanto o “Zé Pereira”, descrito por Luiz Edmundo, juntava o mundo do trabalho e o mundo da festa, a expressão “à espera do Zé-Maria”, muito utilizada por João do Rio, faz emergir um significado inteiramente diverso, pois se refere à morte, ou melhor, “à espera da morte”, como podemos observar na seguinte passagem da crônica “As Mulheres Mendigas”:

- Chamo-me Zoarda. Sou cubana. Vim para o Rio com um *pelotari* [jogador de bola]. Ao chegar aqui, outro conquistou-me. Fui explorada por ambos. Eram bonitos, eram fortes! Adoecei; eles tomaram outra. Quando saí do hospital só pensava em matá-la!

- A quem?

- A ela, a outra. Fui, entretanto, presa e novamente segui para a Gamboa, onde cheguei a ser enfermeira. Quando de lá saí, roída pela moléstia, estava este trapo à espera do *Zé-Maria*.

- O *Zé-Maria*?

- Sim, da morte!¹⁵

A Gamboa abrigou uma das primeiras casas de saúde do Rio de Janeiro. Nesse logradouro, foi instalada em 1853 “uma enfermária para portadores de moléstias infecciosas, de febre amarela inclusive”¹⁶, que foi transformada em hospital em 1871. Na passagem, a estratégia do discurso direto produz o efeito de sentido da polifonia¹⁷ e, desse modo, a voz de Zoarda se faz ouvir em confissão, quando o cronista ia “pela noite alta (...) para o Largo da Sé, para as beiradas da Santa Casa”. E Zoarda narra sua trajetória de mulher, imigrante pobre, explorada, doente, à espera da morte.

Na nova ordem republicana, ser pobre e estrangeiro significava “arcar com uma dupla suspeição”¹⁸. A essas duas características desqualificantes, Zoarda ainda acumula a de ser mulher pública e não-européia. Mas não é apenas a sua condição de “indesejável”¹⁹ que é relatada. É possível descobrir na trajetória de Zoarda algumas práticas de resistência. A primeira delas, pela “alteridade”²⁰, que se expressa por uma ação de distanciamento em relação aos que a maltrataram, produzida a partir do uso dos pronomes “outro”, “outros”, “outra”. Uma segunda prática de resistência é a que, para encobrir a condição de proletária do sexo, atribui um juízo de valor positivo para justificar a aproximação de Zoarda dos dois homens: “Eram bonitos, eram fortes!”. Como

afirmação de uma “simbólica do poder”²¹, a possibilidade da morte, no entanto, só está destinada às duas mulheres: à Zoarda, que está a sua espera e pensa em matar apenas sua rival.

A propósito de uma outra espécie de morte, o “bota-abaixo”, passemos à segunda expressão do título da comunicação, o “Rio-Paris barato”, trazendo este fragmento do artigo “O Convento”, de Lima Barreto, datado de julho de 1911, sobre a demolição do Convento da Ajuda:

Houve grande contentamento nos arraiais dos estetas urbanos por tal fato. Vai-se o monstrengo, diziam eles; e ali [na Avenida Central], naquele canto, tão cheio de bonitos prédios, vão erguer um grande edifício, moderno, para hotel, com dez andares.(...)

É que eles estavam convencidos da sua fealdade, da necessidade do seu desaparecimento, para que o Rio se aproximasse mais de Buenos Aires.

A capital da Argentina não nos deixa dormir. Há conventos de fachada lisa e monótona nas suas avenidas? Não. Então esse casarão deve ir abaixo.

O Passos quis; o Frontin também; mas, a desapropriação custaria muito e recuaram.(...)

Não é que eu tenha grande admiração pelo velho casarão; mas, é que também não tenho grande admiração nem pelo estilo, nem pela gente, nem pelos preceitos americanos dos Estados Unidos (...)

Esse furor demolidor vem dos forasteiros, dos adventícios, que querem um Rio-Paris barato ou mesmo Buenos Aires de tostão.²²

Com a mesma ironia aguda característica de seu estilo, Lima Barreto contrapõe à expressão “*Belle Époque Tropical*”, consagrada para representar o modelo vencedor de modernidade importada, duas outras, “Rio-Paris barato” e “Buenos Aires de tostão”. Como efeito de sentido de maior interesse para nossa análise, podemos destacar a inversão de perspectiva, que transforma o que antes era positivo em “*Belle Époque Tropical*”, em expressões com conotação negativa pelo uso de “barato” e “de tostão” para qualificar a nossa modernidade republicana de inspiração “adventícia” e “forasteira”. Desse modo, Lima Barreto busca, mais uma vez, alargar o campo de análise e, interligando a questão da identidade nacional à da submissão a modelos da ordem internacional, a crítica explícita à modernidade importada se faz pela estratégia discursiva da ironia, dominante no discurso barretiano²³.

É hora de formalizarmos teórica e metodologicamente nossa investigação sobre a história das mulheres. Podemos observar que aquele contexto da República Velha redundou na principal fonte para os temas sobre os quais Lima Barreto e João do Rio refletiram, ambos buscando expressar, cada qual a seu modo²⁴, uma cultura política “volta(da) para a diferença”²⁵, que fosse “basicamente sensível às desigualdades na apropriação de materiais ou práticas comuns”²⁶, e que estivesse referenciada em um espaço urbano – igualmente social, cultural e político – mais amplo no qual a sub-urbe estava incluída. Da análise desse “campo discursivo”²⁷, configurado por relatos de João do Rio e de Lima Barreto, recortamos um subconjunto, ou um “espaço discursivo”²⁸, fundado e articulado por dois posicionamentos sócio-históricos – ou duas “formações discursivas” – que mantêm relações particularmente fortes e que foram nomeados pelas expressões contidas no título desse trabalho: “À espera do Zé-Maria” e “Rio-Paris barato”.

No cumprimento da exigência da pesquisa histórica, que não prescinde da tarefa de procurar conhecer as condições de produção, a regularidade e a descontinuidade dos fenômenos estudados, estamos construindo um inventário das “imagens de mulheres públicas à espera do Zé-Maria no Rio-Paris barato”, do qual selecionamos mais duas imagens, que passamos a citar e comentar sucintamente. A primeira delas tem origem em um relato de João do Rio:

- Olha, Maria...

- É verdade! Que bonito!

As duas raparigas curvam-se para a montra, com os olhos ávidos, um vinco estranho nos lábios.

Por trás do vidro polido, arrumados com arte, entre estatuetas que apresentam pratos com bugingangas de fantasia e a fantasia policroma de coleções de leques, os desdobramentos das sedas, das plumas, das *guipures*, das rendas...

É a hora indecisa em que o dia parece acabar e o movimento febril da Rua do Ouvidor relaxa-se (...) Os relógios acabaram de bater, apressadamente, seis horas. Há um hiato na feira das vaidades: sem literatos, sem *poses*, sem *flirts*. Passam apenas trabalhadores de volta da faina e operárias que mourejaram todo o dia. (...)

As raparigas ao contrário [dos operários]: vêm devagar, muito devagar, quase sempre duas a duas, parando de montra em montra, olhando, discutindo, vendo.(...)

Elas, coitaditas! Passam todos os dias a essa hora indecisa (...) Que lhes destina no seu mistério a Vida cruel? Trabalho,

trabalho; a perdição, que é a mais fácil das hipóteses; a tuberculose ou o alquebramento numa ninhada de filhos.(...) A rua não lhes apresenta só o amor, o namoro, o desvio...Apresenta-lhes o luxo. E cada montra é a hipnose e cada *rayon* de modas é o foco em torno do qual reviravolteiam e anseiam as pobres mariposas.²⁹

Observamos nessa passagem que a presença de elementos referentes às duas “formações discursivas” articula um espaço social de lugares marcados no qual “o poder se afirma e se exerce sob a forma mais sutil, a da violência simbólica”³⁰. As mulheres são “operárias”, “coitaditas” e “anseiam” possuir. Após cada dia inteiro de trabalho duro, ocupam um “hiato na feira das vaidades” e, nesse espaço-tempo restrito, “a essa hora indecisa”, quando os relógios marcam seis horas, percorrem a famosa rua do Ouvidor, em atitude constricta de adoração às vitrines como se elas fossem altares.

O “Zé-Maria”, ou a idéia de morte, está à espreita dessas “pobres mariposas do luxo”, através da “perdição”, da “tuberculose”, da maternidade fecunda que gera “alquebramento” ou da “hipnose” que as suntuosidades do “Rio-Paris barato” exibem. Como práticas de resistência, destacamos o uso diferenciado do tempo, a faina do tempo do trabalho dando lugar à lentidão com que as raparigas caminham e, assim, vão estabelecendo na rua as redes de solidariedade, para olhar, desejar, comentar entre elas e... demorar a voltar para a casa, o que significa adiar o momento de enfrentar os serviços domésticos.

A última imagem que trazemos nessa comunicação é de uma crônica de Lima Barreto:

Uma senhora, separada do marido, muito naturalmente quer conservar em sua companhia a filha; e muito naturalmente também não quer viver isolada e cede, por isto ou aquilo, a uma inclinação amorosa.

O caso se complica com uma gravidez e para que a lei, baseada em uma moral que já se findou, não lhe tire a filha, procura uma conhecida, sua amiga, a fim de provocar um aborto de forma a não se comprometer. (...)

Acontece que a sua intervenção foi desastrosa e lá vem a lei, os regulamentos, a polícia, os inquéritos, os peritos, a faculdade e berram: você é uma criminosa! Você quis impedir que nascesse mais um homem para aborrecer-se com a vida! (...)

A parteira, mulher humilde, temerosa das leis, que não conhecia, amedrontada com a prisão, onde nunca esperava parar, mata-se.

Reflitamos, agora; não é estúpida a lei que, para proteger uma vida provável, sacrifica duas? Sim, duas porque a outra procurou a morte para que a lei não lhe tirasse a filha. De que vale a lei?³¹

A aproximação entre morte e lei exclui a vida como possibilidade para as mulheres que ousam romper as regras sexistas da família monogâmica chefiada pelo homem e da exigência de fidelidade para a mulher, como garantia de preservação da propriedade privada. De forma contundente, o relato distingue como duas práticas separadas a maternidade e a sexualidade das mulheres. No entanto, a lei, “baseada em uma moral que já findou”, pune com a prisão – ou com a morte – aquelas mulheres que resistem e exercitam essa separação, seja como parteiras que fazem abortos, seja como amantes que já possuem uma filha e querem conservá-la em sua companhia.

Os relatos de João do Rio e de Lima Barreto revelam imagens de trajetórias das mulheres nos espaços públicos do “Rio-Paris barato”. São imagens marcadas por situações de risco, como se elas, as mulheres, estivessem permanentemente “à espera do Zé-Maria”. Entretanto, nossa análise dos discursos marcadamente masculinos de João do Rio e de Lima Barreto conseguiu identificar, para além da violência e da vitimização, a coexistência de práticas de resistência e não-submissão dessas mulheres que, como Zoarda, buscaram novas e velhas saídas para se equilibrarem entre as exigências sociais da sua condição feminina, da necessidade de profissionalização e da possibilidade de maternidade, projetando uma vontade de futuro menos desigual ou, quem sabe, revivendo um tempo no qual as mulheres eram ou pareciam ser “livres e honoráveis”³².

Notas:

¹ Michelle Perrot. *Mulheres públicas*. São Paulo: UNESP, 1998, pp. 10,11.

² Pierre Bourdieu. “A ilusão biográfica”. In: M. M. Ferreira e J. Amado (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996, p. 189.

³ Michelle Perrot, op. cit., p. 38.

⁴ Adequadamente, “quotidianos” é outra denominação para “periódicos”, utilizada com frequência por Lima Barreto. Ver, por exemplo, em: “A Música”, *Correio da Noite*, Rio, 30-12-1914. In: Lima Barreto. *Vida Urbana*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 63. (Col. Obras de Lima Barreto, vol. XI).

⁵ Dominique Maingueneau. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, pp. 67 a 69. Uma *formação discursiva* “designa todo sistema de regras que funda a unidade de um conjunto de enunciados sócio-historicamente circunscrito.

⁶ Michel de Certeau. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 200.

⁷ João do Rio. “A Rua”. In: *A alma encantadora das ruas: crônicas*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura. Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, 1987, p. 5. A 1ª edição desta obra foi publicada em 1908, reunindo textos da *Gazeta de Notícias* e da revista *Kosmos*.

⁸ Lima Barreto. “Com o ‘Binóculo’”. *Correio da Noite*, 11-1-1915. Op. cit., p. 71.

⁹ Michel Foucault. *A ordem do discurso*. 7ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 30.

¹⁰ Mikhail Bakhtin. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6ª ed. São Paulo: Hucitec, 1992, p. 36.

¹¹ David McNally. “Língua, história e luta de classe”. In: Ellen M. Wood e John B. Foster (orgs.). *Em defesa da história: marxismo e pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999, p. 48.

¹² Luiz Edmundo. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1957, p. 767 (vol. 4º).

¹³ Id, ibidem, p. 770.

¹⁴ Id, ibidem, p. 771.

¹⁵ João do Rio. “As Mulheres Mendigas”. Op. cit., p. 129.

¹⁶ Brasil Gerson. *História das ruas do Rio: e de sua liderança na história política do Brasil*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 2000, p. 154.

¹⁷ Dominique Maingueneau, op. cit., p. 108. Trata-se de uma noção introduzida por Bakhtin.

¹⁸ Lená Medeiros de Menezes. *Os indesejáveis: desclassificados da modernidade. Protesto, crime e expulsão na Capital Federal (1890-1930)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996, p. 192.

¹⁹ Id, ibidem, p. 189.

²⁰ Tzvetan Todorov. *A conquista da América: a questão do outro*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 223.

²¹ Pierre Bourdieu. “Efeitos de lugar”. In: _____ (coord). *A Miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p. 163.

²² Lima Barreto. “O Convento”. In: *Bagatelas (artigos)*. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961, pp. 83 a 86 (Col. Obras de Lima Barreto, vol. IX).

²³ Celi Silva Gomes de Freitas. *Entre a Vila Quilombo e a Avenida Central: a dupla exterioridade em Lima Barreto*. Rio de Janeiro, RJ, 2003. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-Graduação em História Política. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, p. 101.

²⁴ Aqui, não estamos privilegiando uma discussão aprofundada acerca das diferenças mas das aproximações entre esses dois atores. Nossa análise considera a participação deles em uma mesma “comunidade discursiva”, constituída por jornalistas ou “literatos”, para usarmos o termo da época.

²⁵ Roger Chartier, in: Lynn Hunt (org). *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 16.

²⁶ Id, ibidem.

²⁷ Dominique Maingueneau, op. cit., p. 19.

²⁸ Id, ibidem, p. 20.

²⁹ João do Rio. “As Mariposas do Luxo”, op. cit., pp. 101,102.

³⁰ Pierre Bourdieu. “Efeitos de lugar”, op. cit., p. 163.

³¹ Lima Barreto. “A Lei”. *Correio da Noite*, Rio, 7-1-1915. In: *Vida Urbana*, op. cit., pp. 69,70.

³² F. Engels. *Apud: Andrea Nye. Teoria Feminista e as Filosofias do Homem*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1995, p. 56.